



Justificativa

"El señor Brecht dice que un hombre es un hombre. Y eso es una cosa de la que no hay quien se asombre. Pero el señor Bertolt Brecht quiere demostrar también que con un hombre puede hacerse todo muy bien. Un hombre va a ser desmontado esta noche, sin perder con ello nada, lo mismo que un coche. Se tratará a ese hombre muy humanamente y se pedirá sin saña, insistentemente, que se adapte su modo a la marcha del mundo y suelte su pescado en un río profundo."¹

Em 1989, com cinco anos, lembro claramente que na época não existiam no mercado latino-americano os discos compactos (CD) e, em consequência, os hoje quase extintos Long Play (LP), ou acetatos, dominavam o comércio musical como a forma mais exclusiva para comprar e colecionar os êxitos desse período. Desde aquele ano gerei uma obsessão tão grande com a mesma música, colocando-a uma e outra vez repetidamente, que no natal desse ano meu pai decidiu me apresentar meu primeiro e único LP, o Wordbeat. O álbum também primeiro e único êxito de vendas da banda de origem francesa Kaoma, apresentava como terceira

pista a musical a canção Chorando se foi (La lambada), reconhecida mundialmente como o hino do verão desse ano e que, no meu caso pessoal, se tornou a banda musical exclusiva de mil bailes improvisados para familiares e visitas na sala de casa. O êxito colou e colou tanto que se fizeram filmes, novelas e logicamente várias apresentações escolares da "dança proibida".

Dezessete anos depois, em 2006, um intercâmbio universitário me trouxe o Brasil pela primeira vez. Uma decisão de último minuto me dirigiu ao país que meu imaginário idiossincrático e repertório referencial assinalavam como a terra paradisíaca e tropical que tinha projetado e gerado a lambada como fenômeno musical e cultural quando era uma criança, e que desatou a imagem de produções audiovisuais como The Forbidden Dance is Lambada (1990), Lambada Set the Night on Fire (1990) e a novela A rainha da sucata (1990), entre outras. Vim então para a terra da dança proibida que marcou inevitavelmente minhas lembranças de infância e que ainda hoje permitem que a música Chorando se foi se posicione no Top 10 das minhas reproduções dos meus aparelhos portáteis. Saíndo da Colômbia, sem imaginar a origem "francesa" do êxito, e mesmo tentando deixar de lado os preconceitos me retorcendo mentalmente que o Brasil era muito mais que as referências midiáticas que tinha, "carrapicho, samba, favelas e a aids" a esperança da

criança de cinco anos que tinha ensaiado insaciavelmente desde 1989, por encontrar uma lambateria se fez prioridade uma vez cheguei.

Durante o ano de intercâmbio, os referentes culturais com os que cheguei no Brasil foram caindo pela sua insustentabilidade. Os estereótipos se revelaram como caricaturas da realidade que reduziam conceitos, fechados e primários, como verdades absolutas sem fundamentos sólidos. Foram assim esvaziando-se e esgotando-se entre as experiências vividas no país e o desejo por ver aquilo que nunca me tinha sido mostrado. A vida demonstrou a invalidez de tais verdades redutoras e a complexidade do contexto cultural jogou sobre mim uma realidade político e social tão dispar e incongruente como hoje poderiam ser as referências identitárias que me conformam como imigrante em SP. Durante este processo surgiram obras como a série de performance Tipo Colômbia (2007) e a série de fotografias Amazonias Paulistanas (2007-2010) nas que, aproveitando as incongruências dos estereótipos culturais e o uso de táticas humorísticas, problematizei a relação cultural, comercial e social – quase inexistente – entre Colômbia e Brasil.

Assim a esperança de dançar em uma lambateria foi se dissipando da mesma forma que os estereótipos com os que trabalhei durante essa primeira estadia. Não entanto, aproximadamente um mês antes de voltar para Colômbia, por acaso terminei em uma festa latina convidado por uma amiga que em

bases ao estereótipo acreditava no meu talento inato para bailar salsa. No baile tive a oportunidade de ver um casal dançando o objeto do meu desejo e desvelo a lambada ao ritmo, um pouco mais sossegado, de uma música caribenha francófona de origem creole. Sem esperar solicitei a mulher do casal que me explicasse o que era aquilo que estava dançando, respondendo para mim que o nome era zouk e procedeu a me ensinar o passo básico. Por outro acaso senti pela primeira vez o que era bailar lambada de forma desprevenida (sem ensaio para as tias) como si se trata-se de um merengue ou uma salsa em festa de bairro colombiano. Não entanto me pareceu estranho que seu nome fosse zouk e não lambada., mesmo assim era impossível não fazer a conexão entre ambos movimentos, pois mesmo não estando sincopado ao ritmo histórico do caribe, a dança guardava a cadência e sensualidade, estereotípica, da que tinha me apaixonado desde criança.

Apos conhecer e experimentar o zouk no meu corpo a profundidade por conta da prática exaustiva do mesmo, pois para minha sorte o estereótipo da dança de "latino caliente" enovado pela minha amiga no meu corpo se cumpre, entendi que a obsessão gerada desde pequeno pelo ritmo era um assunto de conexão. Um enlace presente com o ritmo não só a nível pessoal, mas que podia se estabelecer como imagem representacional do contexto. Uma

força que na dança se entende como a dependência entre ambos corpos, que mesmo outorgando dependência reclama conexão e entendimento entre eles para se movimentar. Um junção sincrônica entre elementos aparentemente dissimiles, que conformam e comprazem a construção do discurso de identidade política e social latino-americana. Uma zona de contato entre os elementos históricos, sociais e políticos que atinge e repercute sobre os outros elementos no contexto parte das relações sem determinar que os mesmos sejam unicamente de ordem cultural, social ou político.

Llorando se fue. Im memoria de Francisco - Chico - de Oliveira busca abordar a lambada como essa zona de contato da coletividade e fricção das identidades latino-americana a partir da desconstrução e reconstrução do fenômeno mediático musical e cultural. Baseando nas mitologias e estereótipos do gênero pretendia desvendar a turba, mas sempre feliz, origem mercadológica, política e social do hit do verão de 1989 e suas repercussões culturais e sociais, para gerar diálogos sobre a memória e sua relação com o contexto atual.

¹ Entreato de "Um homem é um homem" (1926) Brecht, B. (1898-1956)